



Activists and Victorians: The Lagham Group and the advocacy of women's labor

RAISSA VIEIRA DE MELO
LAURA VALLADÃO DE MATTOS

Activists and Victorians: The Langham Place Group and the advocacy of women's labor

Raíssa Vieira de Melo (raissavieira2020@gmail.com)

Laura Valladão de Mattos (lauramattos@usp.br)

Abstract:

In the second half of the nineteenth century, a small group of middle class women organized itself with the aim of promoting some social changes that they considered important for their sex, with special emphasis to questions relating to women's work. They founded a journal that was written and edited by women – the *English Women's Journal* – and demanded improvements in women's education and the opening of more professions for the women of their class. This paper analysis the use they made of Political Economy in support of their cause. It is argued that this science was used both in their diagnosis of the problems engendered by the restricted access women had to the labor market; and in their attempt to persuade society to change this situation. It is also argued that, despite aiming to give the possibility of independent existence to women by means of work, these activists embraced many of the Victorian values concerning women's role in society. The conclusion is that this mixture of economic activism with Victorian values was important for it allowed these women to go against some ingrained prejudices and habits of the time without being ostracized from society.

Keywords: Langham Place, Political Economy, women's labor

JEL Codes: B10; B12

Ativistas e Vitorianas: As mulheres de Langham Place e sua defesa econômica do trabalho feminino

Resumo:

Na segunda metade do século XIX, um pequeno grupo de mulheres de classe média organizou-se para promover algumas mudanças sociais que consideravam importantes para o seu sexo, com especial ênfase nas questões relativas ao trabalho feminino. Fundaram uma revista escrita e editada por mulheres, a *English Women's Journal*, e exigiram melhorias na educação feminina e a abertura de mais profissões para as mulheres da sua classe. Este artigo analisa o uso que fizeram da Economia Política em apoio às suas causas. Argumenta-se que esta ciência foi utilizada tanto no diagnóstico dos problemas gerados pelo acesso restrito das mulheres ao mercado de trabalho; e na sua tentativa de persuadir a sociedade a mudar esta situação. Argumenta-se também que, apesar de pretenderem dar às mulheres a possibilidade de existência independente através do trabalho, estas activistas abraçaram muitos dos valores vitorianos relativos ao papel das mulheres na sociedade. A conclusão é que esta mistura de activismo económico com valores vitorianos foi importante porque permitiu a estas mulheres ir contra alguns preconceitos e hábitos arraigados da época sem serem excluídas da sociedade.

Palavras-Chave: Langham Place, Economia Política, trabalho feminino.

Introdução¹:

Na segunda metade do século XIX um pequeno grupo de mulheres de classe média se organizou para defender algumas pautas que elas consideravam cruciais para o sexo feminino. Elas formaram o que ficou conhecido como o grupo de *Langham Place* e fundaram um jornal escrito e editado por mulheres para discutir temas a elas concernentes – o *English Women's Journal* (doravante *EWJ*). Apesar de abordarem muitos assuntos, ao longo das décadas de 1850 e 1860 foi a pauta econômica do trabalho feminino que organizou o discurso e o ativismo do grupo de Langham. O coletivo – cujas principais integrantes foram Barbara Bodichon², Bessie Parkes e Jessie Boucheret – defendia a necessidade de melhorar a educação feminina e de abrir novas profissões para as mulheres, em especial para aquelas da classe média.³ Essa demanda contrariava as expectativas sociais, pois na época dominava para essa classe social a ideia de que a esfera adequada às mulheres seria aquela do lar (e no máximo da filantropia), sendo a esfera pública do trabalho e da política adequada apenas aos homens.

As suas propostas envolviam não somente mudanças em algumas instituições da época – como as escolas e o mercado de trabalho – mas também em alguns dos mais arraigados valores e preconceitos vitorianos no que concernia ao papel das mulheres na sociedade. Elas precisavam convencer a sociedade sobre a legitimidade do trabalho remunerado das mulheres e de que estas deveriam receber educação e treinamento que as habilitassem a competir no mercado de trabalho. Precisavam, ainda, convencer os empregadores de que as mulheres eram intelectual e moralmente capazes de exercer uma gama maior de profissões do que era considerada apropriadas a elas na época. Por fim, precisavam convencer as próprias mulheres sobre a vantagem de procurar ocupações diferentes daquelas usualmente associadas ao seu sexo.

¹ Esse artigo é uma versão bastante modificada de Melo (2022, cap. 3).

² Na verdade, o seu nome de solteira era Barbara Leigh Smith e ela somente se tornou Barbara Leigh Smith Bodichon em 1857 quando se casou. No entanto, para simplificar utilizaremos ao longo do texto apenas o seu nome de casada.

³ Apesar de se referir por vezes à situação das mulheres trabalhadoras, o ativismo de Langham não tinha como alvo a resolução dos problemas da trabalhadora da fábrica, e sim aqueles enfrentados pelas mulheres da classe média. Isso se refletiu na produção langhamiana, que se concentrou em criticar a estrutura patriarcal do mercado de trabalho e não a desigualdade de renda ou a estrutura classes da sociedade (Holloway, 2007). As conquistas do movimento das mulheres da segunda metade do século XIX também estiveram relacionadas sobretudo com as demandas de mulheres de classe média: trabalhos bem remunerados e especializados, educação superior e técnica e propriedade privada (Auchmuty, 1975). Vale ressaltar, porém, que com suas vitórias melhoraram a vida de todas as mulheres independente de classe social.

Esse artigo investiga a natureza dos argumentos econômicos utilizadas por esse grupo para atingir esses objetivos. Argumenta-se que que essas ativistas utilizaram extensamente o discurso da Economia Política para embasar as suas pautas e o fizeram de modo eminentemente prático. Não trataram da natureza das leis abstratas da Economia Política, buscaram explicitar como o funcionamento dessas leis e dos costumes sociais afetavam negativamente a vida cotidiana de muitas mulheres de classe média - que, por vezes, se encontravam em uma situação de miséria por não poderem contar com alguém para prover as suas necessidades e não serem capazes de se empregarem em profissões que garantissem o seu sustento.

Argumenta-se ainda que as protagonistas de Langham abraçaram os muitos dos valores vitorianos e, repetidamente, ressaltaram que, em caso de conflitos entre os preceitos da Economia Política e da Moral, os valores morais deveriam ter precedência. Conclui-se que ao temperarem o ativismo econômico com valores vitorianos, essas mulheres conseguiram defender bandeiras que contrariavam as convenções e hábitos da época, sem, no entanto, caírem no ostracismo social.

O uso que as ativistas de Langham fizeram do discurso da Economia Política é uma questão pouco explorada na literatura. Trabalhos importantes, como Worzala (1974) Schroeder (2015), Rendal (1989) tratam de vários aspectos relacionados às contribuições das mulheres de Langham Place no que diz respeito à defesa que fizeram da educação e abertura de mercado para as mulheres, porém não focam no uso que fizeram da Economia Política. Dredge (2005) e Pujol (1992) tratam de uma forma geral da relação do grupo com essa ciência, mas não explicitam quais argumentos econômicos foram utilizados, ou a forma como elas os utilizaram, na defesa de suas pautas e tampouco tratam da mescla (bem-sucedida) que fizeram entre argumentos econômicos e morais. A contribuição desse artigo é, portanto, analisar discussões econômicas realizadas pelo grupo, tema usualmente relegado a um segundo plano nos estudos sobre Langham.

O restante do trabalho se divide da seguinte forma. Na seção II são discutidos a aproximação do grupo com a ciência da Economia Política e analisados os problemas econômicos e sociais que o grupo queria resolver por meio da abertura mais profissões para as mulheres de sua classe social. Na seção III são analisados os argumentos econômicos que foram utilizados pelo grupo para justificar as suas pautas relacionadas ao trabalho feminino. Na seção IV a mescla que fizeram de argumentos morais e econômicos é discutida. Na seção V, algumas considerações finais são apresentadas.

II. Langham, a Economia Política e a fragilidade econômica das mulheres:

Um aspecto interessante do ativismo de Langham – e que esse artigo visa a explorar – foi o uso que fez da Economia Política na defesa de suas pautas. Essa ciência desfrutava um enorme prestígio na Inglaterra do século XIX e era bastante utilizada por políticos e reformadores sociais para defender ou atacar propostas de reformas sociais ou de estabelecimento de novas instituições.⁴ Entretanto, era um campo de conhecimento considerado ‘masculino’ e poucas mulheres demonstravam interesse em entendê-lo ou sequer tinham uma formação que permitisse que acompanhassem os seus argumentos. Barbara Bodichon, Bessie Parkes e Jessie Boucherett faziam parte desse pequeno grupo.

Bodichon e Parkes foram criadas em um ambiente intelectual progressista, no qual as ideias políticas e econômicas eram muito debatidas. Bodichon foi influenciada pelas ideias liberais de seu pai, que era contrário às *Corn Law* e se reunia frequentemente grupos radicais relacionados à abolição da escravatura nos Estados Unidos e a refugiados políticos (Socwell, 1995). Parkes, por sua vez, nasceu em uma família ligada à política e sua residência era ponto de encontro entre políticos radicais e vinculados ao partido Liberal inglês (Kinch, 2020). Além disso, ambas tiveram contato ainda jovens com a Economia Política e, como amigas, trocaram seus resumos dos *Princípios de Economia Política* de Mill entre si, cultivando uma interação intelectual que perduraria por anos (Rendall, 1989; Simon-Martin, 2012).⁵ Embora Boucherett tenha nascido no seio de uma família conservadora e rica do interior da Inglaterra, estudou Economia Política desde muito jovem – e esta ciência teria sido o fundamento para as suas ideias liberais e a favor do emprego de mulheres (Bridger & Jordan, 2006).

Esse contato precoce com a Economia Política fez com que parecesse natural a essas ativistas utilizar os princípios e os preceitos dessa ciência para lidar com questões concernentes ao seu sexo. Inclusive, Parkes defendeu que todas as jovens estudassem esse assunto, justamente por ele ser instrumental na análise das questões que as afetavam diretamente e na formulação de propostas de mudanças sociais que pudessem melhorar a

⁴ Como afirma Dredge (2005): “By mid-nineteenth century, political economy was an established Victorian institution [...] It was used as an objective rationale of social development [...]” (p. 137).

⁵ Bodichon foi tutorada nessa ciência por Philip Kingsford, Parkes, por sua vez, foi instigada por seu pai a ler a obra de Mill. O impacto desse economista foi grande para ambas. Parkes revela em carta para uma amiga que algumas passagens de Mill “[...] influenciaram vitalmente sua percepção sobre as relações humanas” (Parkes, 1854, GCPP Parkes 9/7).

sua posição na sociedade (Parkes, [1856] 2007, p. 54-57)⁶ – o que foi exatamente o que essas ativistas procuraram fazer com o conhecimento que tinham adquirido nesse campo do saber. Elas a interpretaram termos utilizados por economistas políticos, tais como ‘trabalhadores’ e ‘concidadãos’, de forma a incluir também as mulheres e, ao fazerem isso, perceberam que poderiam defender a causa do trabalho feminino utilizando argumentos provindos dessa ciência (Dredge, 2005, p. 139).

Assim, embora não tenham formulado novas teorias econômicas, o que fizeram não foi pouco: aplicaram o conhecimento que tinham dessa ciência na discussão dos problemas concretos enfrentados pelas mulheres de classe média no mercado de trabalho e na defesa do projeto de ampliação das oportunidades econômicas deste grupo.⁷

No entanto, o projeto dessas ativistas de ‘entrarem’ no campo das discussões econômicas enfrentou resistências.⁸ Os críticos (do sexo masculino) frequentemente desmereciam as suas propostas ao colocarem em dúvida a capacidade do sexo feminino em lidar com problemas tão complexos. Um colunista de um jornal conservador, por exemplo, após criticar as ideias de Parkes, concluiu de forma desdenhosa, insinuando a inépcia da autora nessa ciência, “[...] *this is a mere matter of Political Economy*” (QUEEN..., 1859, p. 575). Em outro artigo, um adversário das posições defendidas pelo grupo foi ainda mais explícito quando afirmou: “*Among all their studies, political economy has not yet presented itself to the reforming ladies [...]*” (THE ENGLISH..., 1858, p. 369/370). Ou seja, as suas credenciais intelectuais eram constantemente questionadas. As ativistas de Langham enfrentaram esse desafio procurando demonstrar, sempre que possível, proficiência nessa ciência – já que isso era crucial se quisessem ser levadas a sério no debate sobre o emprego feminino.⁹

⁶ Parkes enumera, ainda, duas outras razões para esse estudo: as mulheres estavam tradicionalmente envolvidas com questões relacionadas ao alívio dos males sociais, especialmente da pobreza, e seria preciso o conhecimento da Economia Política para não causarem mais mal do que bem; e essa disciplina desenvolveria nelas o raciocínio e a capacidade de julgamento. Sobre a 1ª razão ver também Parkes (1860b, p. 4).

⁷Vale notar, entretanto, que elas não foram as primeiras mulheres a escreverem sobre o assunto da Economia Política e sobre o trabalho das mulheres. A Harriet Martineau e Miss Marcel, vistas como divulgadoras dessa ciência, foram fontes de inspiração para elas. Assim como foi Jamelson, que lidou com o problema do trabalho feminino e foi uma espécie de mentora para várias das jovens ativistas. No entanto, Pujol (1992, p. 37) afirma que Bodichon foi a primeira mulher a escrever um tratado sobre o trabalho feminino.

⁸ Dredge (2005) se refere a uma “[...] *battle between the sexes over the privileged discourse of political Economy*” (p. 138).

⁹ Em relação ao segundo crítico, por exemplo, elas reagiram deixando clara a atitude preconceituosa do autor ao replicarem: “*Our contemporary triumphs over our assumed ignorance of Political Economy; women, he thinks, can know nothing of such things*” (THE ‘SATURDAY REVIEW’..., 1858, p. 202). E, em seguida, não só negaram ser ignorantes sobre esse assunto, como se propuseram a encontrar o “[...]”

O grupo teve, assim, que travar uma ‘batalha’ pelo uso do prestigioso discurso da Economia Política.¹⁰ Isso fez com existisse uma inegável dimensão retórica nas referências do grupo a essa ciência – que, por vezes, era mencionada *en passant* com o claro propósito de mostrar que dominavam esse instrumental ou de emprestar credibilidade ao que escreviam. Todavia, a Economia Política representou mais do que um ‘mero’ recurso de convencimento, ajudou a formar a visão de mundo das protagonistas do grupo. Forneceu o aparato teórico por meio do qual compreenderam a dinâmica do mercado de trabalho feminino e, ainda, serviu de fundamento para a defesa que fizeram de uma ampliação das oportunidades econômicas das mulheres. Assim, seja para estabelecer as suas credenciais, para rebater os argumentos de seus críticos ou para embasar as suas interpretações, a Economia Política vista como foi uma grande aliada pelo grupo.

Antes, no entanto, de entrarmos na análise do uso concreto que o grupo fez desse discurso, vale a pena discorrermos sobre os fenômenos econômicos e sociais que essas ativistas visavam a interpretar e os males que queriam combater com o auxílio dessa ciência.

II.1 A principal mazela a ser combatida por meio do trabalho das mulheres de classe média: insegurança financeira e a miséria

Um problema que preocupou muito ao grupo de Langham foi a situação de miséria e penúria na qual se encontravam algumas mulheres de classe média por carecerem de algum parente do sexo masculino para prover o seu sustento.¹¹ Podemos dizer que a sua busca por ampliar as possibilidades de inserção feminina no mercado de trabalho visava em grande medida, apesar de não exclusivamente, a melhorar a situação desse grupo vulnerável.

Na época as jovens inglesas dessa classe eram criadas basicamente para o casamento e a educação fornecida não era de boa qualidade e não as qualificava a entrar no mercado de trabalho.¹² Todavia, isso não era visto como um problema pela sociedade, pois predominava uma ideologia de dependência da mulher em relação ao homem. O

critic even upon the forbidden ground of political Economy” (idem) e rebater suas posições por meio dessa ciência.

¹⁰ Ver Dredge (2005).

¹¹ Isso era ainda mais sério dado que não existia na época na Inglaterra um estado de bem-estar social ou mesmo um regime de previdência social.

¹² Comentando a educação ‘decorativa’ dada ao sexo feminino na época, Harriet Taylor afirma: “[...] nada é ensinado às mulheres de forma exaustiva [*thoroughly*]. Pequenas porções apenas do que se tenta ensinar de forma profunda aos homens é a totalidade do que se intenta ou se deseja ensinar às mulheres” (Taylor 1984 [1851], 409).

ideal de mulher era representado pela imagem do ‘Angel in the House’ – “[...] *domestic, family-oriented, morally and sexually pure, spiritual, comforting and selfless*”. (Swirdoff, 2005, p. 13).¹³ Assim, ainda que o trabalho remunerado fosse socialmente aceito como inevitável no que se referia às mulheres da classe trabalhadora, era encarado com desconfiança quando se tratava de mulheres de classe média (Bodichon, 1857, p. 47, Sockwell, 1995, p109). Parkes explicita essa diferença de atitude ao afirmar:

Women of the lower class [...] must work, in the house, if not out of it – too often out of it! But among us [middle and higher class women] it is judged best to carefully train the women as the moralizer, the refiner, the spiritual element (1866, p. 75).

Como a expectativa social era a de que a mulher casasse, o marido substituiria o pai no papel de provedor, sendo não só desnecessário, mas até inadequado prepará-la para obter uma existência independente por meio do trabalho. A filantropia era aceita, por ser não-remunerada e compatível com as qualidades morais de abnegação e altruísmo presumidamente ‘naturais’ às mulheres. O trabalho remunerado e a competição no mercado eram, no entanto, vistos como inapropriados ao sexo feminino, uma vez que tenderiam a ‘endurecer’ [*harden*] o caráter das mulheres, tornando-as competitivas, autorreferentes e egoístas (Roscoe, 1858, p. 852; Ruskin, 1905 [1865]) – colocando, desta forma, em risco as qualidades que as definiam como mulheres e, nessa medida, a sua própria ‘feminilidade’ [*womanhood*].

Muitas das integrantes de Langham partilhavam os valores da época e não discordavam da ideologia vigente no que concernia ao papel de cada sexo. Parkes, por exemplo, afirma a respeito da visão de que os homens deveriam prover para as mulheres: “*There is little or nothing to be urged against it, if it were practical in action*”, no entanto, completa: “[...] *which it is not*” (Parkes, 1866, p. 75, grifo no original). De fato, essas ativistas de uma forma geral não criticavam esse ideal em si, o que enfatizavam era que ele não era condizente com a realidade. Com base nas estatísticas fornecidas pelo censo de 1851, elas apontaram que havia na Inglaterra um grande excesso de mulheres em relação aos homens – o que fazia como que, inevitavelmente, muitas não tivessem a opção de se casar (STATISTICS, 1860, p. 3-5). Além disso, havia viúvas e outras mulheres que, por uma razão ou outra, tinham que prover para o seu próprio sustento e o de seus filhos

¹³ A imagem do ‘The Angel in the House’ é uma referência a um famoso poema narrativo de Coventry Patmore assim intitulado, no qual é representado esse ideal de mulher. Ver também Ruskin 1905 [1865] para uma influente vitoriana visão sobre as supostas diferenças naturais existentes entre os sexos e o sobre os papéis que caberiam aos homens e às mulheres.

(THE ENGLISH, 1858, p. 204).¹⁴ Sobre a situação vigente na Inglaterra da época, Parkes afirma: “[...] *thousands and thousands of destitute educated women have to earn their daily bread*” (idem, p.76). Não se tratava, portanto, de empreender uma discussão filosófica sobre o papel da mulher na sociedade e sim de encarar um problema existente e que afetava um grande número de mulheres. Como afirmou uma colaboradora do *EWJ*: “[...] *it is vain to talk of home being the only proper sphere for a woman, when she has no home to go to. Or of privacy being essential to her decorum, when privacy involves starvation.*” (J.T., 1864, p. 146).

A realidade, então, era que havia um número grande de mulheres de classe média que necessitavam trabalhar e estavam trabalhando. O grande problema era existiam poucas profissões consideradas adequadas às mulheres de classe média [*lady-like*]: ou elas eram tutoras/professoras ou, quando muito, costureiras. Como afirma Boucherett “[...] *there is no other profession open by which gentlewomen can earn their livelihood without lost of caste [...]*” (1866, p. 24). Como os salários pagos nesses empregos eram muito reduzidos, essas mulheres viviam uma existência extremamente precária, frequentemente precisando recorrer (especialmente na velhice) à benevolência privada ou pública. Boucherett observa que apesar de haver inúmeras instituições de caridade voltadas a socorrer mulheres das classes alta e média [*gentlewomen*], a demanda por esses auxílios era tão elevada que não havia como atender a todas as solicitantes. Como consequência, muitas dessas ‘damas’ acabavam em casas de trabalho. Ela relata respeito disso: “*Workhouse visitors tell us that in the wards it is not unusual to find women who have known ‘better days’; and evidently belong to a higher rank than ordinary paupers*” (Boucherett, 1866, p. vi).¹⁵ E essa situação de penúria e destituição na qual algumas mulheres de classe média se encontravam ensejava, inclusive, o risco (considerado ainda

¹⁴. O grupo de Langham explorou bastante essa questão do ‘excedente de mulheres’ para defender que, já que nem todas as mulheres tinham a possibilidade de casar, seria fundamental que tivessem oportunidades (educacionais e em termos de emprego) para se sustentarem sozinhas (Melo, 2022; Fernandez e Melo 2022). No entanto, esse tipo de argumento não convenceu a todos. Em artigo no *Saturday Review*, 1859, um autor admitiu existiam mulheres que não se casavam, mas concluiu que isso fazia parte dos azares da vida e que não se deveria mudar os hábitos sociais só “[...] *because one woman in fifty – or whatever the statistics are – is a spinster or widow without any resources.*” (QUEEN..., 1859, p. 576).

¹⁵ Ao descrever as tutoras [*governesses*] que precisavam recorrer às casas de trabalho, Parkes afirma: “*Go thou into out parish workhouses in dreary London, and investigate the past histories od some of those pale figures lying down on the narrow couches of the female wards, and thou wilt find there drifted waifs and strays from the ‘upper and middle classes’ who pass long months and years in pauper clothing upon a papers’s fare.*” (Parkers, 1866, p. 99). Boucherett acredita que a sociedade deveria ver essas mulheres com empatia e como sendo “*worthy objects of benevolence, for they are suffering, and suffering severely, more from the faults of others than from their own, and they belong to a class to whom life in a workhouse is more than usually irksome and painful*” (Boucherett, 1866, p. 47).

pior) de elas se degradarem e caírem na prostituição. Preocupada com essa questão, Boucherett afirma que “[...] *a women should never run the risk of being driven into temptation through poverty.*”(Boucherett, 1866, p. 49).¹⁶

Assim, a situação de fragilidade financeira de certos grupos de mulheres estava no centro da atenção das ativistas de *Langham Place*. O remédio para esse problema, segundo as ativistas, seria quebrar os preconceitos vigentes contra o trabalho feminino, fornecer às mulheres o treinamento necessário para que pudessem exercer profissões com melhor remuneração e abrir a elas profissões até então dominadas por homens.

Vale, no entanto, notar que a ênfase do grupo recaiu sobre a situação das mulheres solteiras ou viúvas, que não tinham quem as sustentasse, deixando de lado a questão do trabalho das mulheres casadas (DOMESTIC..., 1858, p. 75). Essa escolha pode ter se devido ao fato de esse ser o grupo mais necessitado e que teria mais a ganhar com maiores oportunidades de trabalho. Pode ainda ter sido uma estratégia para evitar pisar em ‘terreno minado’, pois casamento era uma instituição quase ‘intocável’ na Inglaterra vitoriana.¹⁷

De toda forma, na tentativa de dirimir o sofrimento das mulheres de sua classe, essas ativistas buscaram superar a resistência social existente em relação ao trabalho feminino e persuadir a sociedade sobre a pertinência de abrir novas oportunidades econômicas para elas – e, nessa luta, a Economia Política foi uma grande aliada.

III.. O papel da Economia Política e na defesa de abertura de mercado para as mulheres

Nos livros escritos pelas protagonistas de *Langham* e nos artigos publicados no *EWJ* há várias referências (por vezes, mais aprofundadas, por vezes *en passant*) às virtudes da livre-concorrência, à determinação dos salários pela interação entre a oferta e da demanda de trabalho, à lei da população de Malthus, à Lei de Say, à teoria do fundo

¹⁶ A preocupação com a degradação moral dessas mulheres não era teórica e sim prática. Como afirmam as ativistas em artigo do *EWJ*: “[...] *we do know that there are in London eighty thousand prostitutes, and we meet them daily as we pass in to and fro[...] through the streets of our mighty city [...]*” (DOMESTIC..., 1858, p. 75).

¹⁷ Essa interpretação é aventada por Worzala (1974). Ela argumenta que ao ativismo de Barbara Bodichon (na época Leigh Smith) e Bessie Parkes anterior à formação do grupo de *Langham*, para modificar legislação existente sobre propriedade de mulheres casadas teria deixado lições importantes. Ela sugere que a reação extremamente negativa suscitada por essa tentativa de alterar a relação (de propriedade) existente dentro do casamento talvez tenha sido a razão pela qual o grupo optou por desviar de qualquer assunto relacionado ao casamento (Worzala 1974, p. 16-19 e 143). Jordan (2001) indica, inclusive, que houve um certo recuo no que tange à posição de algumas protagonistas. Quando a ideia de que as mulheres deveriam ser capazes de se sustentar por meio do trabalho foi criticada, elas, “[...] *hastened to protest that they were not attacking economic dependence in marriage: their campaign for more work was, they insisted, intended only to help single women.*”(p. 163).

de salários, à acumulação de capital, etc. – quase sempre relacionada a alguma questão que afetava o sexo feminino. Vale notar, entretanto, que o uso que as ativistas de Langham fizeram da Economia Política foi pragmático. Elas perceberam que a operação das leis da Economia Política afetava profundamente a vida das pessoas e era isso que tornava importante entender o seu funcionamento.¹⁸ Parkes inclusive conclamou as mulheres a se apoderarem desse instrumental ao alertar: “[i]f we do not learn how to take advantage of these laws, we shall certainly suffer by them [...]” (Parkes, 1866, p. 225).¹⁹

Assim, a natureza das preocupações do grupo com a Economia Política não era teórica: elas almejavam fundamentalmente a ação. Buscavam soluções concretas para os problemas vivenciados pelas mulheres de sua classe. Em um artigo da *EWJ* uma colaboradora deixa clara essa perspectiva ao afirmar em relação ao trabalho feminino: “*The time for theory has gone by; whatever may be thought, something must be done [...]*”(JT, 1864, p. 146).²⁰

Vários economistas políticos foram citados nas obras e nos artigos escritos por essas ativistas, mas é seguro afirmar que as ideias de Mill foram as mais importantes para o grupo. Os seus *Princípios de Economia Política* serviram de base para o estudo que fizeram dessa ciência, e o autor foi uma influente voz na Inglaterra Vitoriana a favor dos direitos políticos, civis e econômicos das mulheres – o que seguramente contribuiu para aumentar a admiração das ativistas por suas ideias.²¹ Adicionalmente, como destacou Parkes, ele incluiu no escopo dessa ciência “[...] *many topics of special interest to women relative to their own sex*” (Parkes, 1856, p. 56).²² De fato, o economista político inglês foi pioneiro em tratar as mulheres como agentes econômicos autônomos (Pujol, 1992, p.

¹⁸ Como escreve Parkes: “*When Maria cries her eyes out, because John is going to Australia, she is the unconscious victim of ‘pressure of the population on the means of subsistence’*” (Parkes, 1866, p. 223-224).

¹⁹ Além disso, Parkes acreditava que ao se apossarem do discurso econômico as mulheres tenderiam a ‘humanizar’ a ciência lúgubre, uma vez que esse sexo (naturalmente?) se preocupava mais do que o sexo masculino com as mazelas sociais. Como afirma a Bodichon, as mulheres poderiam proporcionar à Economia Política “[...] *their directness of judgment and sympathy with the commonalty*” (Bodichon, p. 37).

²⁰ Na mesma linha, as ativistas afirmam em outro artigo no *EWJ*: “*We do not propound mere theories; - we watch, report, discuss experiments which are being worked out by society under our eyes and those of our readers. To interpret what we see, to give system to what seems vague and formless, and to create a rallying point for the men, and women who care to help womanhood, and, through womanhood, humanity at large – this is what we aspire to do; and no question lies nearer to the roots of social good and evil than that involved in the adoption of professional life by women*” (ON..., 1858, p. 10).

²¹ A sua obra *The Subjection of Women* (1869) é considerado um marco do feminismo inglês, e sua atuação no Parlamento em defesa do voto feminino fez muito para promover essa discussão no país (ver Mattos, 2022 & 2023).

²² Apesar de louvarem Mill, elas consideravam, entretanto, que havia ainda muito a progredir na aplicação da ciência às questões relevantes às mulheres. Segundo Boucherett, “[...] *the first principles of that branch of political economy which relates to women, are not yet laid down, or if laid down, are not generally admitted*” (Boucherett, 1866, p. 4).

24), e em analisar os efeitos dos costumes e hábitos sociais sobre o mercado de trabalho e os salários femininos.²³

A visão de Mill sobre o mercado de trabalho feminino parece ter moldado a explicação das ativistas de Langham sobre a precária condição financeira na qual se encontravam muitas mulheres de classe média, além de servir como munição contra aqueles que se opunham a essas pautas. Interessado que estava na aplicação da ciência econômica à prática, Mill analisou nos seus *Princípios* situações nas quais os resultados econômicos eram determinados não apenas pela competição (como era suposto pela ciência), mas também “[...] *by custom or usage*” (Mill, [1871], 1965, p. 239). E ele explica o fato de a remuneração nos ‘empregos femininos’ ser sempre “[...] *greatly below that of employments of equal skill and equal disagreeableness, carried on by men*” (Mill [1871], 1965, p. 395) apelando aos valores e hábitos sociais vigentes na época. Ao limitarem o número de ocupações que as mulheres poderiam exercer, os costumes e preconceitos sociais provocavam um excesso de oferta de mão de obra nas poucas atividades abertas a elas, e com o efeito da competição, os salários nesses empregos eram pressionados para baixo (idem). Adicionalmente, Mill apontou que esses mesmos costumes e hábitos determinavam que o nível abaixo do qual os salários dos trabalhadores masculinos não cairiam seria aquele suficiente para garantir o seu próprio sustento e o de sua família. No caso dos salários femininos, no entanto, esse ‘pisso’ seria bem menor, ou seja, “[...] *the pittance absolutely requisite for the sustenance of one human being [...]*” (idem). E essas ideias aparecem claramente nos trabalhos das ativistas.

No entanto, embora influenciadas por essas concepções, dada a sua perspectiva mais prática, as ativistas não trataram do mercado de trabalho feminino de uma forma geral. Concentraram-se na discussão das condições vividas por mulheres de classe média nas duas principais profissões que elas exerciam – tutoras/professoras (*governess*) e costureiras – e tentaram convencer a sociedade em geral da necessidade de abrir novas oportunidades profissionais para esse público.

Esses empregos, como mencionado, pagavam salários muito baixos, que mal eram suficientes para garantir o sustento das mulheres nelas engajadas e certamente não

²³ Em dois artigos publicados no EWJ em 1860, intitulados “The opinions of John Stuart Mill” (part I e part II), Parkes reproduz (literalmente) longos trechos dos *Princípios* referentes ao mercado de trabalho feminino, às virtudes das cooperativas e à sua crítica aos *Factory Acts* (Parkes, 1860b e 1860c). O intuito era divulgar entre as mulheres da revista as ideias desse importante economista e, simultaneamente, usar os seus escritos como argumento de autoridade no sentido de fortalecer as ideias e pautas defendidas pelo grupo. Além disso, autor é citado em inúmeras outras publicações do grupo.

permitia que economizassem para a velhice ou para enfrentarem qualquer adversidade. E a explicação que apresentaram para essa condição tinha um ‘sabor’ milliano.

Fundamentadas nessa visão de Economia Política, elas se contrapuseram a críticos que usavam a autoridade dessa mesma ciência para afirmar que a causa dos baixos salários nesse setor seria a ineficiência dessas mulheres.²⁴ A verdadeira causa seria, na interpretação do grupo, a superlotação dessas atividades – ou seja, um grande desequilíbrio entre a oferta (abundante) e demanda (muito restrita) de trabalho (Bodichon, 1857; Boucherett, 1966, p.26).

Para Parkes, por falta de outras opções aceitáveis, essas mulheres eram “[...] *forced into one overcrowded and perhaps distasteful profession, in which they spend their lives working for small salaries* (Parkes, 1866, p. 218). Especificamente em relação à profissão de tutora [*governess*], ela argumentou que esta era frequentemente a única saída para mulheres das classes média e alta que, por algum infortúnio ou por não casarem, precisavam trabalhar: “*It is a platform on which middle and upper classes meet, - the one struggling up, the other drifting down.*”(Parkes, 1866, p. 88). E completa: “[...] *here is the one means of breadwinning to which access alone seems open – to which alone untrained capacity is equal, or pride admits appeal*”(idem).²⁵ Como resultado da falta de alternativas devido aos preconceitos sociais, “[...] *educated governesses take salaries lower than are paid for the lowest kind of unskilled male labour.*” (THE ‘SATURDAY REVIEW’...”, 1858, p. 203).

Outra interpretação também rechaçada pelo grupo afirmava que a razão pela qual as mulheres não conseguiam ingressar em outras profissões era que elas não eram aptas a exercê-las, pois caso fossem o auto interesse dos empresários os levaria a emprega-las (THE ‘SATURDAY REVIEW’...1858, p. 203). As ativistas negaram que assim fosse, e na sua resposta o uso retórico da ciência lúgubre fica claro ao afirmarem: “[...] *we will be daring enough to give [...] a lesson even in political economy*” (THE ‘SATURDAY REVIEW’...”, 1858, p. 203). E, utilizando uma linguagem que lembra muito Mill, explicam: “*There are such things as custom, and other disturbing influences among the laws of that science*” (idem). Por fim, concluem, de forma bastante didática, com exemplos da vida cotidiana, que explicitavam a operação dos preconceitos sociais e

²⁴ Um exemplo dessa posição aparece em artigo crítico à ideias de Parkes, no qual se afirma: “*Governess get little, because the wares they sell are worthless.*” (QUEEN..., 1859, p. 575)

²⁵ Para piorar a situação, algumas jovens de classes mais baixas procuravam essa profissão em busca de status social (Boucherett, 1866, p. 25).

revelavam como eles poderiam acarretar (e, de fato acarretavam) a exclusão de mulheres aptas e competentes de vários ramos profissionais:

Men will chose, as a rule, the cheapest and best thing that is available for their purpose; but not all men, and not everywhere. The Mussulman, for instance, would probably prefer a bad dinner, if the good one were only to be got at a Christian eatinghouse; [...] the Tory minister will not take the best Chancellor of the Exchequer, if he is only to be found in the Liberal ranks; and so the banker will not pick the best bookkeeper in England, if the best bookkeeper should happen to be a woman [...]. In fact, costume and prejudice are at work to exclude us from earning a living (THE 'SATURDAY REVIEW' ..., 1858, 203/204).²⁶

No entanto, a crítica que as ativistas mais se mobilizaram para responder dizia respeito ao possível efeito negativo que o ingresso de mulheres em profissões tradicionalmente masculinas acarretaria sobre os níveis de salário e emprego dos homens que nelas atuavam. Alegava-se que os ganhos das mulheres seriam obtidos prejudicando dos homens e, dada a sociedade patriarcal da época, não é difícil entender as razões que levaram as ativista a darem respostas a essa alegação (THE ENGLISH..., 1858, p. 369/370).²⁷ Diversos argumentos foram arrolados – e nem todos consistentes entre si – no sentido de convencer a sociedade de que seria benéfico permitir a entrada de mulheres em alguns empregos dominados pelo sexo masculino. E, novamente, o grupo fez intenso uso de preceitos e conceitos da Economia Política.

Um primeiro tipo de resposta consistiu em questionar a pertinência de restringir a competição.²⁸ Apesar de envolver questões de justiça, fica claro que a réplica dessas ativistas era inspirada pela Economia Política Clássica, que, pelo menos desde Adam Smith, rejeitava monopólios e valorizava a competição no mercado. Uma colaboradora do *EWJ* afirma:

[...] on what grounds can it be pretended that man have an inherent right to the monopoly of any employment whatever? If they be either physically or intellectually more fitted for it than women, they are entitled to the advantage Nature gives them, and need not fear competition [...] Nature has endowed men and women with

²⁶ E essa exclusão poderia, inclusive, levar a resultados ineficientes. Boucherett (1864), por exemplo, cita um professor de Economia da Universidade Dublin, que utilizava a analogia de que empregar homens em uma atividade adequada para as mulheres era como utilizar uma máquina de potência de 50 cavalos-vapor ao invés de uma de 40 cavalos-vapor para atividades que exigiam menor intensidade. Assim, excluir o trabalho feminino implicaria em desperdício

²⁷ Um colaborador do *Saturday Review* criticou abertamente as ideias expressas no *EWJ* de preparar as mulheres para o mercado de trabalho e escreve: “[...] *what would be the result? Certainly a very great lowering of wages and salaries [...] profitable employment is a fixed quantity which will cease to be profitable if divided among seventy-five per cent of additional labourers*”

²⁸ Ver também Sockwell 1995, p.110.

different gifts, but left each sex free to use them for its own advantage (JT, 1864, p. 150).²⁹

Imbuídas dos valores antimonopolistas da Economia Política, criticaram a ideia de excluir as mulheres apenas para benefício dos homens e rechaçaram essa atitude utilizando exemplos que demonstravam o absurdo envolvido nesse raciocínio:

If it be well to maintain wages by keeping women out of employment, it must be advisable to incapacitate some other portion of our fellow-citizens for the same purpose. Why not declare all men of more than fifty too old for work? Why not banish from the market all dark or all fair men; all Whigs or all Tories; all Peelites or all Radical gentlemen? In fact why not adopt any arbitrary principle of exclusion? (THE 'SATURDAY REVIEW' ..., 1858, p. 202).

Segundo elas, a situação vigente na época seria, portanto, injusta e arbitrária. Desta forma, ainda que o ingresso de mulheres significasse uma diminuição dos salários dos homens, se a perda deles representasse um ganho equivalente para as mulheres o resultado poderia ser benéfico socialmente.³⁰ Até porque as ativistas de Langham consideravam os efeitos da pobreza e miséria mais deletérios para as mulheres (que poderiam até cair na prostituição) do que para homens que, na pior das hipóteses, iriam para uma casa de trabalho (Worzala, 1974, p. 79/80).

Havia, assim, um consenso entre as ativistas no que concernia à pertinência e necessidade de abrir o mercado de trabalho para as mulheres. No entanto, não havia o mesmo nível de concordância sobre quais seriam os impactos econômicos dessa ação. Algumas ativistas argumentaram que os efeitos negativos sobre os salários masculinos eram exagerados pelos críticos, outras, ao contrário, afirmavam que existiria sim uma perda significativa para os homens, mas que significaria ganhos para o bem-estar da sociedade.

A primeira atitude aparece em um artigo do *EWJ* no qual partes inteiras de um livro intitulado *Industrial and Social Condition of Women* foram reproduzidas literalmente com o intuito de relativizar o impacto da entrada de mulheres de classe média nos empregos masculinos de melhor qualidade e remuneração. No texto é argumentado que a abertura de ocupações masculinas a mulheres de classe média acarretaria somente

²⁹ Essa é uma instância na qual fica ilustrada a atitude das integrantes do grupo em retirarem o viés de gênero e tratarem as mulheres como agentes econômicos auto interessados que têm direito a competir no mercado (JT, 1864, p. 151).

³⁰ *Novamente*, Mill também pode ter sido uma influência importante nesse ponto, uma vez ele afirma em seus *Princípios*: “No argument can be hence derived for the exclusion of women from the liberty of competing in the labour market: since, even when no more is earned by the labour of a man and a woman than would have been earned by the man alone, the advantage to the woman of not depending on a master for subsistence maybe more than an equivalent” (Mill, [1871] 1965, p. 394).

um pequeno aumento de competição nessas profissões - uma vez que elas representariam uma adição proporcionalmente diminuta em relação ao número de trabalhadores homens nelas engajados – e, por conseguinte, efeitos reduzidos sobre os salários vigentes (SPECIAL..., 1860, 157). Todavia, a saída dessas mulheres significaria uma grande queda na competição nessas (poucas) profissões que anteriormente eram forçadas a ocupar – elevando de forma importante a remuneração das mulheres que permanecessem nelas (SPECIAL ...1860, p. 154). O efeito líquido seria, assim, muito positivo.

Outra ideia que aparece nas passagens reproduzidas no artigo se refere às consequências de um aumento no número total de mulheres no mercado de trabalho. Argumenta-se o fundo de salários existente já sustentava (ainda que indiretamente) as mulheres que anteriormente se encontravam fora do mercado de trabalho. As únicas consequências que seguiriam seriam, então, o aumento de produtividade da nação e um pequeno reajuste nos salários (SPECIAL..., 1860, 155). Uma vez que a Lei de Say garantiria que esse aumento de produção seria absorvido por um aumento da demanda, conclui-se que o aumento do trabalho feminino possibilitaria uma produção mais elevada utilizando o mesmo capital – o que abriria espaço para o barateamento das mercadorias ou para a diminuição das horas de trabalho (idem).

Ainda no sentido de relativizar a noção de que a entrada de mulheres no mercado de trabalho reduziria os salários masculinos, mas usando outros argumentos, as ativistas defenderam em outro artigo do *EWJ* que esse efeito dependeria de pressuposição de que o número de empregos era algo fixo – o que, segundo elas, “[...] *is not asserted by any political economist*” (THE ‘SATURDAY REVIEW’..., 1858, p. 203). Elas alegam que o fundo de salários é fixo em um dado momento do tempo e que esse aumento de oferta de trabalho, se repentino, de fato diminuiria o valor da remuneração dos trabalhadores. Essa redução de salários, entretanto, levaria a aumento dos lucros e, conseqüentemente a uma maior acumulação de capital – o que, por sua vez, “[...] *would quickly furnish new employment and make any loss to workmen merely temporary*”(idem).³¹

Em contraste com essas tentativas de minimizarem ou qualificarem o impacto negativo (para os homens) do trabalho feminino, J.T admite abertamente a ideia de que os homens perderiam com a competição das mulheres. Para ela, apesar das inúmeras

³¹ Pujol, 1992, 41 afirma que, contra o argumento que mulheres tomariam emprego de outros mais necessitados, Bodichon defende um argumento “[...] *involving a concept of full-employment welfare-maximizing general equilibrium. The more people there are in the workforce, she states, the greater the contribution to overall production and hence the easier it is to satisfy everyone’s needs.*”

desvantagens que tinham em termos de treinamento profissional, as mulheres teriam uma vantagem importante na concorrência com os homens pelas vagas em algumas profissões: salários menores (1864, pp. 147-149).³² Ela utiliza a teoria de Adam Smith (mas poderia ter utilizado as concepções de Mill) para argumentar que mesmo diante de intensa concorrência pelas vagas, os salários masculinos não poderiam cair abaixo daquele mínimo necessário para que eles sustentassem a si próprios e às suas famílias, mas que os salários das mulheres precisariam ser apenas suficientes para a sua própria subsistência (J.T., 1864, p. 149). Assim, os homens provavelmente perderiam alguns empregos para as mulheres. No entanto, afirma que isso não seria responsabilidade das mulheres e sim o resultado da competição no mercado, e conclui: “[...] *although it is to be regretted that partial injury should be produced [...] we must not forget that individual hardship is the price of general benefit* (JT, 1864, p. 150). Para reforçar o seu argumento, ela compara a incorporação da mão de obra feminina com a introdução de inovações tecnológicas (máquina de costura, tear mecânico, entre outras): a curto prazo, poderiam até diminuir o bem-estar, mas a longo prazo deixariam um saldo positivo e duradouro para a sociedade (JT, 1864, p. 150/1).

Enfim, o grupo de Langham explorou várias linhas de argumentação econômica para convencer a sociedade sobre a pertinência de uma das suas principais demandas - enunciada da seguinte forma: “[...] *throw down the barriers, so that women may be free to choose their own way of life [...] We ask for a wider field of employment [...]*” (THE ‘SATURDAY REVIEW’ ..., 1858, p. 203-204).

Elas defendiam que essa seria a única forma de sanar o sério problema de fragilidade financeira que assolava uma parcela significativa das mulheres de sua classe social, pois acreditavam que “[...] *so long as nearly every remunerative employment is engrossed by men only, so long must the wretchedness and slavery of women remain what it is*” (Bodichon, 1857, p. 46). E lançaram mão de preceitos e conceitos da Economia Política no intuito de mostrar, em oposição ao que alegavam os seus críticos, que “[...] *there is nothing in the teachings of that valuable branch of science which is opposed, but everything which is favourable, to the reform which we advocate*” (THE ‘SATURDAY REVIEW’ ..., 1858, p. 203).

³² É interessante notar que essas ativistas não defendiam, como será comum mais adiante, salários iguais para trabalhos iguais e sim trabalho para mulheres (Worzala, 1974). Elas até se opunham a isso, pois a maior vantagem que as mulheres tinham na hora de procurar emprego era justamente terem salários menores (Boucherett et al., 1896, p. 32).

Desta forma, a autoridade da Economia Política foi claramente utilizada com o objetivo de sustentar e legitimar as suas demandas por mudanças no mercado de trabalho.

IV. Entre alterar e manter os valores vitorianos: uma tensão permanente

Um dos objetivos do grupo de Langham foi, portanto, derrubar as barreiras à entrada de mulheres de classe média em profissões melhor remuneradas que tradicionalmente eram exercidas pelos homens. Letradas que eram na Economia Política de Mill – e conhecedoras, na prática, dos valores de sua classe – elas tinham consciência de que boa parte dessas barreiras decorriam dos hábitos e costumes vigentes na época. Vimos que consideravam necessário quebrar os preconceitos por parte dos empregadores sobre a pertinência de empregar mulheres e convencer a sociedade sobre a legitimidade de as mulheres disputarem com o sexo oposto as vagas existentes – o que tentaram fazer utilizando argumentos provindos do campo da Economia Política. No entanto, elas tinham clareza de que não bastaria conseguir que as mulheres pudessem efetivamente concorrer com os homens nessas profissões. As barreiras à entrada não tinham origem apenas do lado da demanda pelo trabalho feminino, elas se originavam igualmente do lado da oferta: as próprias mulheres abraçavam vários dos preconceitos da época e nem pensavam em se candidatar a empregos ‘não convencionais’.

Como para as ativistas interessava não apenas analisar, mas, acima de tudo, modificar a situação vigente, elas logo compreenderam que, se quisessem melhorar a inserção econômica das suas contemporâneas, teriam que investir em modificar alguns valores muito arraigados da época. Assim, procuraram localizar aqueles preconceitos e costumes concretos que estavam no caminho da ampliação das possibilidades profissionais das mulheres e partiram para combatê-los por meio de sugestões concretas e factíveis.

Um desses valores era o, já mencionado, preconceito de classe, que apontava apenas as profissões de tutoras/professoras e, quando muito, costureiras, como sendo ‘respeitáveis’ ou ‘refinadas’ (*genteel*) e adequadas às mulheres das classes alta e média. Em artigo do *EWJ*, Parkes até anteviu um tempo em que “[...] *it will no longer be a half a disgrace for a lady to become an ‘independent factor’ in any other post than that of a governess*” (Parkes, 1860a, p. 298), no entanto, deixou claro que isso ainda não era uma realidade. Ela diz que sua experiência mostrava que um maiores impedimentos para que estas mulheres procurassem outras profissões era “[...] *want of courage to face social*

opinion” (Parkes, 1860a, p. 290), uma vez que isso implicaria uma perda de prestígio social.³³ Assim, conclui “[...] *the idea that a young lady cannot engage in business without losing caste must be conquered if any real way is to be made*”(idem).

No entanto, pragmáticas que eram, sabiam que só levariam as mulheres a enfrentar esses preconceitos tão profundamente aceitos se fossem bastante proativas não só no sentido de convencê-las sobre a pertinência e vantagens de adotarem outros caminhos profissionais, como também de indicarem alternativas concretas de ofícios que elas poderiam exercer (Parkes, 1860a, 295).³⁴ Boucherett, por exemplo, aconselha as jovens a aceitarem empregos que não eram considerados ‘refinados’ (*genteel*), mas que remuneravam melhor e poderiam garantir-lhes um bom futuro. Sobre a questão do status ela afirma: “*The idea of becoming a trades woman is less genteel than to become a nursery governess*”, no entanto, complementa, “[...] *whatever superiority a nursery governess may have in point of gentility is more than counterbalanced by the solid advantage on the other side* (Boucherett, 1866, p. 32).³⁵ Adicionalmente, enumera várias profissões que seriam apropriadas (em termos morais e de capacidade) às mulheres. Entre estas estariam as profissões de decoradoras de casas, de fazer gravuras em madeira, fotógrafas, pintadoras de fotografia, médicas, enfermeiras, copiadoras de documentos jurídicos, cabelereiras, atendentes do correio ou de negócios privados, vendedoras e contadoras (Boucherett, 1866, 26-31). A essas profissões se somaram o trabalho remunerado de mulheres educadas de classe média em instituições como prisões, hospitais, casas de trabalho, instituições de ensino, trabalho de supervisão de trabalhadoras em fábricas, além de confecção de relógios (*watchmaking*), impressão, arte aplicada a questões domésticas (Parkes, 1859a, p.151; 1859b; 1860a, p. 290 ; Bodichon, 1857, p. 19-20).

Assim, esforçaram-se em persuadir as mulheres dessa classe a se preocuparem menos com seu status social e mais com a sua sobrevivência e a ampliarem o escopo de suas escolhas profissionais. No entanto, havia outra barreira importante ao seu acesso a uma maior gama de ocupações – também derivada dos costumes sociais – que era a falta

³³ E Boucherett (1866, p. 24) afirma que “[...] *many prefer poverty to a loss of social position*”.

³⁴ Como nota Sockwell (1995, p. 116), Langham lutava pela abertura de alguns empregos vistos como adequados às mulheres, e não de todos os empregos.

³⁵ Parkes também direciona conselhos aos pais de classe média que gostariam de garantir que as filhas não se encontrassem em algum momento de suas vidas sem provisões. Ela aconselha que “[...] *repress all desire of forcing them into tuition because it is more genteel*”(Parkes, 1859a, 149). Ela afirma: “[...] *all ideas of the superior gentility of governesship should be discouraged* (idem 151). Parkes lança uma pergunta aos pais: por que tentar fazer de suas filhas “[...] *half accomplished teachers, instead of honest happy businesswomen?*” (idem).

de preparo técnico para exercê-las. As famílias de classe média tinham o hábito de investir na educação e treinamento profissional dos filhos do sexo masculino e, quando possível, ainda destinavam a eles algum capital para que começassem um negócio. No entanto, investiam muito pouco na formação das filhas, se fiando na expectativa de que elas iriam se casar e não precisariam trabalhar para se sustentar.

Uma vez que para terem condições de competir pelos empregos com os homens elas precisariam ter educação e treinamento equivalentes, o grupo lutou para mudar esses valores sociais e buscou persuadir os pais sobre a importância de destinarem recursos financeiros também para a formação de suas filhas. Contra a argumentação de que isso seria um desnecessário, uma vez que elas iriam casar, Parkes:

Plausible but fearful logic. It is true that chances are on the side of her marrying [...] yet the miseries which befall a penniless woman are so great, that if the opposing chance were but as one in a hundred, the parent should provide against it (Parkes, 1866, p, 78).³⁶

Não haveria nenhuma garantia de que essas jovens casariam – como mencionado, os dados do Censo revelavam a existência de um considerável excesso de mulheres em relação aos homens – e mesmo que se casassem, infortúnios da vida poderiam deixá-las sem um provedor. Assim, defenderam que todas as jovens deveriam ser criadas para serem capazes de garantir uma existência independente. Como advogou Parkes: “*Let her at least be trained beforehand to some possible way of getting her bread.*” (Parkes, 1859a, p 150). Fornecer esse treinamento seria dever dos pais (Bodichon, 1857, p.50/51), no entanto, esta obrigação não estava sendo cumprida adequadamente. A respeito da situação de destituição em que se encontravam muitas mulheres, Boucherett afirma:

I believe the real cause of this misery to be the neglect of parents to apprentice their daughters as regularly as they do their sons. There is no reason why one sex should be more neglected than the other, for no father would think of declining to put his son to a trade, because an uncle might perhaps have him a fortune, neither ought him to think of not apprenticing a daughter, because she might marry (Boucherett, 1866, p. 46).³⁷

³⁶ Boucherett escreve a esse respeito: : [...] *the majority of women do marry, so he [the father] has a right to think it is probable that his daughters will, but he is not justified in leaving their future well-being to a probability*” (Boucherett, 1866, p. 51). Avaliando os hábitos da época, ela afirma: “*If women were certain to marry before her father’s death, the present system would not be too bad, but as they are not, it is wicked and cruel, and based on a fallacy*” (Boucherett, 1866, p. 46).

³⁷ Bodichon também relatou as consequências dessa negligência: “*So long as fathers regard the sex of a child as a reason why it should not be taught to gain its own bread, so long must women be degraded*” (1857, p.11).

E essa foi mais uma instância na qual o grupo recorreu à autoridade da Economia Política em apoio às suas pautas. Parkes afirma que seria uma lei social “[...] *conceded by all political economists, that a father ought to provide for all his children, or give them the means for providing for themselves.*”³⁸ E completa: “[...] *for their sons they perform this duty with anxious care; but for their daughters they neglect it [...]*” (Parkes, 1859a, 150).³⁹

Diante dessa realidade, as ativistas defenderam uma mudança de mentalidade da família, de forma que os recursos disponíveis para o fim de educação e treinamento fossem divididos, sem distinção, entre os filhos dos dois sexos. O mesmo valeria para o capital a ser doado para os filhos iniciarem os seus próprios negócios (Parkes, 1860a, p. 291).⁴⁰

Assim, o grupo questionou, e visou a alterar, alguns valores e preconceitos que eram profundamente enraizados na sociedade britânica do período. A despeito disso, é importante notar que, em inúmeros aspectos, o pensamento dessas ativistas estava em sintonia com os valores vitorianos. A ênfase do grupo não foi na igualdade entre os sexos, pelo contrário, muitas das ativistas acreditavam, como era comum na época, que as mulheres tinham uma ‘natureza’ diferente daquela dos homens – moralmente mais elevada, e inerentemente intuitiva, e prática.⁴¹ Elas, de fato, trataram as mulheres como

³⁸ Os pais teriam, segundo Parkes 1859a, três opções na hora de prover para suas filhas. Poderiam fazê-lo “[...] *by giving her a special training, by saving money, or by insurance [...]* He has no right, in a country like England, to risk her future on the chances of marriage which may never be fulfilled” (p. 152).

³⁹ É importante frisar que a pobreza e sofrimento de algumas mulheres de classe média não era a única preocupação do grupo. Como mulheres de classe média, as ativistas também se preocupavam com a vida de ócio forçado e vazio existencial experimentado por muitas jovens no período, às vezes prolongado, entre o final de seus estudos e o casamento. Essa situação de inatividade era considerada nociva não só no aspecto moral, mas também à saúde física e mental dessas jovens, que, muitas vezes, sucumbiam à melancolia e à tristeza ou a doenças ainda mais graves como histeria (Bodichon, 1857, p. 9). Assim, defendiam que todas as jovens, inclusive as que não corriam risco de se encontrarem no futuro em uma situação financeira difícil deveriam ser treinadas para o trabalho. A ideia era que as mulheres se ocupariam de forma útil e ativa antes do casamento – estudando e trabalhando – e aquelas que, porventura ficasse numa situação difícil teriam como se sustentar.

⁴⁰ Parkes é bastante direta nesse ponto ao afirmar: “[...] *it may be said that fathers cannot afford to give capital, of however small an amount, to their sons and daughters too, But I submit that they are equally bound to their children of either sex [...]* [and] *they ought in justice to give the sons a lower and less expensive start in life, and keep some money laid by for their girls*” (Parkes, 1860a, p. 291).

⁴¹ Inclusive, Bodichon considerava que a Economia Política poderia ganhar com a entrada das mulheres nesse campo, pois elas forneceriam a essa ciência “[...] *their directness of judgment and sympathy with the commonality*” (Bodichon, 1857, p. 5). Essa visão sobre a natureza moralmente superior do sexo feminino aparece na resposta que autora dá aos que (jocosamente) insinuavam que as mulheres iriam desejar atuar no exército e a política ou ser advogadas ou marinheiras – profissões ‘obviamente’ inapropriadas para o seu sexo utilizando o discurso moral da época. Ela afirma: “[...] *women will rather prefer those nobler works which have in them something congenial to their moral natures. Perhaps we may say that women will only enter only those professions [...]* consistent with the highest moral development of humanity” (Bodichon, 1857, p. 51). Dredge (2014, 34) aponta o uso que as próprias ativistas faziam dos valores

‘agentes econômicos’ e usaram o discurso da ciência lúgubre para lidar com a sua situação, no entanto, seriam agentes econômicos ‘diferentes’.⁴² Haveria uma dimensão moral que era fundamental quando se tratava do sexo feminino – dimensão usualmente ignorada pelos economistas políticos. Assim, o grupo ‘moderou’ o seu discurso econômico por conta de imperativos morais.⁴³ Parkes afirma, por exemplo, que para ser adequada, qualquer proposta para melhorar a condição das mulheres precisaria levar em conta a parte da econômica da questão, mas sem deixar nunca de se posicionar firmemente quando questões morais – “[...] *considerations which are of infinitely greater importance than wordly prosperity*[...]” (Parkes, 1866, p, 40) – estivessem envolvidas. De forma coerente, ela afirma sobre a questão do trabalho feminino:⁴⁴

I see plainly that we have great moral interests also at stake, which require to be jealously guarded, that we may not look to the political economy of the question only, but must take anxious care to build up the new theory in connection with the old reverence for all that makes a woman estimable; in gaining somewhat, we must not lose more (Parkes, 1866, p. 162).⁴⁵

Desta forma, embora procurassem soluções (embasadas na Economia Política) para a situação de fragilidade financeira das mulheres, elas estavam bem atentas aos riscos morais que a sua entrada no mercado de trabalho poderia ensejar. Estas ativistas tinham uma grande preocupação em garantir o decoro das trabalhadoras e em evitar a possibilidade de elas serem submetidas a maus-tratos por parte de homens – elas não chegam a falar de assédio, mas é possível ler essa preocupação nas entrelinhas (Bodichon, 1857). Para elas, os pais tinham razão em temer enviar suas filhas ainda jovens para aprenderem uma profissão ou para trabalharem em algum negócio, tal como faziam com os filhos homens – o sexo feminino, de fato, precisaria de maior proteção. Então, para viabilizar a entrada dessas jovens em novas profissões, seria necessário apresentar

vigentes, quando afirma: “[...] *feminists themselves often relied upon the dominant ideological assumptions [...] and this strategy could give them a powerful voice*”. Ver também Dredge 2005, 150.

⁴² Nesse sentido podemos fazer paralelos entre a postura das protagonistas de Langham e a de autoras do final do século XVIII e início do século XIX, que defendiam o trabalho das mulheres, mas não em todos os empregos. Sobre essas antecessoras, Rostek (2019) afirma: “[...] *they challenge what they often term ‘false custom’ and ‘prejudice’ regarding women and work, on the other hand maintain a clearly gendered notion of economic pursuits*”(p. 47).

⁴³ Adotando um tom bastante condizente com os valores da sociedade vitoriana, Parkes chega a afirmar que: “*is better to be starved in body than made worse in the moral and spiritual life*”(Parkes, 1866, p, 40).

⁴⁴ Vale notar que Parkes se tornou com o avançar do tempo mais conservadora no que diz respeito à família e ao trabalho feminino do que outras protagonistas. Bodichon, por exemplo, foi mais radical na sua defesa do trabalho feminino (Pujol, 1992, p. 41/2, Lacey, 1987, p. 2; p. 14) e defendeu inclusive a possibilidade mulheres casadas de classe média trabalharem (Dredge, 2005, 141). No entanto, ela também, frequentemente, tempera o seu discurso com os valores morais da época.

⁴⁵ Ela afirma sobre a Economia Política: “[...] *these truths and laws, however irrefragable, never do include the whole, nay the half of the problems in which living beings are concerned*” (Parkes, 1864, p. 324).

soluções concretas para garantir que ficariam tão seguras nas nessas ocupações como estariam se fossem tutoras ou professoras (Parkes, 1860a, p. 296). Para Parkes, uma saída viável seria organizar os negócios ou os escritórios de tal forma que as jovens “[...] *invariably associate with older women [...] work in companies together and not intermixed with men [...]*”(Parkes, 1860a, p. 296)⁴⁶. Outra alternativa seria formar cooperativas apenas de mulheres – que tinha a vantagem adicional de elas não terem que contar com disposição dos donos de negócios em empregá-las.⁴⁷

Porém, a preocupação com a moral também foi um elemento subjacente à defesa que faziam do trabalho feminino. Havia riscos morais ainda maiores associados à falta de meios econômicos para sobreviver.⁴⁸ Como afirma Boucherett, as jovens precisavam ter uma qualificação que permitisse obtivessem uma existência independente – sem isso, não se poderia saber “[...] *how low she may sink, or what sins she may be driven to commit*” (1866, p. 55). Como mencionado, a prostituição (inclusive de mulheres do estrato social médio) era um problema na Inglaterra – e a garantia de uma inserção em profissões com uma melhor remuneração era vista como a melhor solução para essa mazela. Como afirma explicitamente Bodichon: “[...] *opening more ways of gaining livelihoods for women [...] is the most efficacious way of preventing prostitution.*”(1857, p. 16). Na existência de novas oportunidades profissionais “[...] *the distressed needlewomen would vanish; the decayed gentlewomen and broken-down governesses would no longer exist*” (idem, p.17).

Essa mistura da defesa de mudanças sociais e de adesão aos valores da época também aparece em relação ao papel que caberia à mulher na sociedade. O trabalho feminino inevitavelmente desafiava, em alguma medida, a ideia de dependência feminina em relação aos homens, uma vez que se visava com ele justamente a garantir às mulheres

⁴⁶ Ao comentar o seu entusiasmo pela Victoria Press, Parkes afirma que tem muito a ver com esse empreendimento ser liderado por uma mulher: “*Were I asked if I should wish to see a regiment of women working in common printing offices under male supervision, I should answer NO; or at least I would accept the idea with regret [...] But were I asked whether I should be willing to see young women gathered together in printing offices or in workshops of any mechanical trade, under efficient female supervision, then I should say that for the unmarried women it was, in the present state of the country, the one thing to be desired.*” (Parkes, 1862, p. 343). M.A. (1860, p. 75) também ressalta a importância da orientação das jovens trabalhadoras por parte de mulheres mais maduras, que garantiriam a sua conduta moral.

⁴⁷ Esta sugestão de se formar cooperativas foi mais uma influência perceptível que Mill exerceu sobre o grupo. Depois de uma longa discussão sobre as ideias do autor sobre cooperative, Parkes conclui: “*If twenty ladies in any town would club together £5 a-piece, they might open a stationery shop, to which, if they gave all their own custom, they might secure a profit after employing a female manager, and if the business increased, female clerks also.*” (Parkes, 1860c, p. 202). Também inspirada em Mill, M.A. (1860) apresenta um plano para formação de associações entre mulheres – ela trata de forma mais específica da profissão de costureiras. Ver também sobre o assunto WOMEN (1864).

⁴⁸ Como afirma Bodichon: “*At present the language practically held by modern society to destitute women may be resolved into Marry-Stitch- Die- or do worse*” (Bodichon, 1857, p.16).

a possibilidade de uma existência independente. No entanto, essas ativistas não colocaram o casamento – uma instituição central da sociedade vitoriana – em questão. De uma forma geral, as elas acreditavam que a maior parte das mulheres de sua classe social seguiria, quando possível, o caminho convencional do casamento e da dedicação ao lar e à família – e não pareciam ter objeções a isso.⁴⁹

Parkes, por exemplo, repetidamente ressalta a importância da família e da função de que a mulher cumpria ao cuidar do lar, do marido e dos filhos. Sobre a importância do lar cristão como esteio da sociedade ela escreve:

As I believe [...] firmly that the married household is the first constituent element in national life, so I consequently believe that the immense majority of women are, and ought to be, employed in the noble duties which go to make up the Christian household; and while I fully admit the principle of vocations to religious and also intellectual and practical life apart from marriage, I think that people are quite right who say that these will ever be, and ought ever to be, in the minority (Parkes, 1866, p. 222).

Se, por um lado, Parkes, abria algum espaço para que as mulheres escolhessem viver outros papéis além daqueles de mães e esposas, por outro, reafirmava que isso seria (e deveria ser) um comportamento excepcional e nunca a regra. Boucherett (1866, p. 14), por sua vez, defende a possibilidade de mulheres casadas exercerem algum ofício, mas dá ênfase ao papel da mulher no lar e pondera que “[i]t is not at all desirable that married women should engage on work which takes them away from home” (p. 14). Bodichon, na linha de Boucherett defende que seria possível para algumas mulheres casadas compatibilizar o trabalho remunerado (em geral exercido em casa ou, junto com o marido, no negócio familiar) com o casamento. No entanto, utiliza uma linguagem moral para tranquilizar a sociedade de que as mulheres sempre dariam prioridade à família e aos filhos, uma vez que “[...] maternal love is too Strong to be weakened by any love of science, art, or profession” (Bodichon, 1857, p.14).⁵⁰

⁴⁹ Essa postura de reafirmar muitos dos valores vitorianos aparece na seguinte afirmação de Parkes quando aborda qual seria a ‘questão de fundo’ das pautas do grupo: “Do we *wish* to see the majority of women getting their own livelihood or do we wish to see it provided for them by men? Are we trying to assist the female population of this country over a time of difficulty; or are we trying to develop a new state and theory of social life? I feel bound to say that I regard the industrial question from a temporary point of view, and that I should greatly regret any change in the public opinion of all classes, which would tend to make the men of this country more unmindful of the material welfare of the women of their families” (Parkes, 1866, 217). Parkes deixa clara a sua posição ao afirmar: “I never wished or contemplated the mass of women becoming breadwinners” (1862, 342). Ver também DOMESTIC..., 1858, p.77/78 e Dredge (2005, p. 144).

⁵⁰ Como afirma Levine (1990) sobre as feministas da época: “the dialectic between integration and reevaluation was a constant if invigorating source of tension”(p; 305). Na mesma direção, Sockwell afirma que o mainstream do movimento das mulheres de então “tried not to upset the status quo more than necessary and was thus quite conservative in many ways.”(1995, p. 117/8).

Assim, as ativistas de Langham sem dúvida desafiaram alguns dos valores da época – e foram muito criticadas por isso – mas não romperam completamente com a visão vitoriana do papel da mulher na sociedade. Elas procuraram abrir mais espaço econômico para as mulheres, mas sem negar as suas ‘peculiaridades’. Há, assim, uma vontade de reformar, sem, no entanto, subverter as relações vigentes entre os sexos. Em suma, estas mulheres eram ativistas, mas eram também, inegavelmente, vitorianas.

V. Conclusão:

O artigo argumentou que a ciência da Economia Política foi uma peça fundamental do ativismo de Langham Place. De forma pouco usual para a época, as integrantes do grupo usaram o conhecimento que tinham dessa ciência para entender a difícil condição econômica em que se encontravam muitas mulheres da sua classe social. Para elas, os hábitos e preconceitos sociais vigentes estariam restringindo as possibilidades de trabalho dessas mulheres a pouquíssimas profissões. Como consequência, havia nestes ofícios um enorme excesso de oferta de trabalho o que resultava, dada a concorrência pelas vagas existentes, em salários insuficientes para garantir uma vida digna às trabalhadoras.

Essas ativistas acreditavam que somente mediante uma grande alteração na percepção dos empregadores, das próprias mulheres e das suas famílias em relação ao trabalho remunerado das mulheres de classe média seria possível efetivamente possibilitar a esse grupo ingressar em um número maior de profissões – o que seria o remédio mais eficaz para os males econômicos e sociais que estavam preocupadas em denunciar e sanar. E a Economia Política assumiu papel proeminente na estratégia utilizada pelo grupo para promover essa mudança de mentalidade de forma a convencer a sociedade de que seria necessário abrir o mercado de trabalho às mulheres e oferecer a elas um treinamento que possibilitasse que competissem em pé de igualdade por empregos que remuneravam melhor – que, na época, eram monopolizados pelos homens.

Argumentou-se, ainda, que apesar de essas ativistas terem se ‘apoderado’ do prestigioso discurso da Economia Política, aplicando esse conhecimento para tratar de problemas que afetavam o sexo feminino, elas também abraçaram muitos dos valores vitorianos. Talvez tenha sido, justamente, essa mescla interessante de crítica social com a reafirmação da tradição, de ciência com moral, da Economia Política com os valores prevaletentes da época, que permitiu a essas ativistas conquistar novos espaços para as mulheres, deixando sua marca na primeira onda do feminismo inglês.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- AUCHMUTY, Rosemary Katherine et al. *Victorian spinsters*. Austrália, 1975. Tese de doutorado – Australian National University.
- BODICHON, B. *Women and Work*. Bosworth and Harrison, London, 1857.
- BOUCHERETT, Emilia J. *Hints on Self-Help: A Book for Young Women*. Jarbord and Sons, London, 1866.
- _____; BLACKBURN, Helen. *The condition of working women and the Factory Acts*. London: Elliot Stock, 1896.
- DIMAND, Robert W.; FORGET, Evelyn L.; NYLAND, Chris. Retrospectives: gender in classical economics. *Journal of Economic Perspectives*, v. 18, n. 1, p. 229-240, 2004.
- DOMESTIC life. *The English Woman's Journal*, London, v. 2, n.8, p. 73-82, out. 1858.
- DREDGE, Sarah. Opportunism and Accommodation: The English Woman's Journal and the British Mid-Nineteenth-Century Women's Movement. *Women's Studies*, v. 34, n. 2, p. 133-157, 2005.
- _____. The Inhumanity of Political Economy: Mid-Victorian and the Politics of the Abstract. *Victorian Review*, vol. 40, n.1, 2014, pp. 31-25.
- HOLLOWAY, Gerry. *Women and Work in Britain since 1840*. London and New York: Routledge, 2007.
- JORDAN, Ellen. *The Women's Movement and Women's Employment in Nineteenth Century Britain*. Abingdon: Routledge, 2001.
- _____; BRIDGER, Anne. 'An Unexpected Recruit to Feminism': Jessie Boucherett's 'Feminist Life' and the importance of being wealthy. *Women's History Review*, v. 15, n. 3, p. 385-412, 2006.
- J.T. Our Tradeswomen. *The English Woman's Journal*, London, v. 13, n. 757, p. 145-151, May 1864.
- LACEY, C.A. "Introduction". *Barbara Leigh Smith Bodichon and the Langham Place Group*, Ed. Candida Ann Lacey, Routledge & Kegan Paul, New York, N.Y, 1987.
- LEVINE, Phillipa. Humanising influence of Five O'Clock Tea: Victorian Feminist Periodicals. *Victorian Studies*, vol. 33, v. 2, pp. 293-306, 1990.
- MILL, J. S. [1871] *Principles of Political Economy with some of their Applications to Social Philosophy* in *CW II e III*, University of Toronto Press, Toronto, 1965.
- MATTOS, L.V. J.S. Mill's applied Ethology and his Engagement with the women's cause. *History of Economic Ideas* vol, XXX/2022/3, p. 31-54, 2022.
- _____. O Envolvimento de John Stuart Mill na Luta pela Emancipação das Mulheres. In: Brena Fernandez. (Org.). *Mulheres na história do pensamento econômico*. Editora Peregrinas, Florianópolis, p. 72-102, 2023.
- M.A. Outline of a plan for the formation of industrial associations amongst workwomen. *The English Woman's Journal*, London, vol. VI, n. 32, p. 73-76, October, 1860.
- MELO, R. V. *Vitorianas e ativistas: uma análise das ideias econômicas do grupo de Langham Place*. Dissertação de Mestrado defendida no Programa de Pós-graduação do Departamento de Economia da FEA-USP, 2022.
- ON the adoption of professional life by women. *The English Woman's Journal*, London, v. 2, n.7, p. 1-10, set. 1858.
- PARKES, B. R. *BRP to [Sam Blackwell]*, Barmouth, 1854-09-23, GBR/0271/GCPP Parkes 9/7, GCPP Parkes 9/7. Girton College Archive, 1854.
- _____. The Market for Educated Female Labour, *The English Woman's Journal*, London, v. 64, n. 21, p. 145-152, nov. 1859a.

- _____. What can educated women do?(part I). *The English Woman's Journal*, London, v. 4, n.22, p. 217-227, dez. 1859b
- _____. What can educated women do? (part II). *The English Woman's Journal*, London, 4, n. 23, p. 289- 298, jan. 1860a
- _____. The Opinions of John Stuart Mill.(part I) *The English Woman's Journal*, London, v. 6, n. 31, p. 1 - 11, set. 1860b.
- _____. The Opinions of John Stuart Mill.(part II) *The English Woman's Journal*, London, v. 2, n 9, p. 193- 202, nov. 1860c
- _____. The balance of public opinion in regard to woman's work. *The English Woman's Journal*, London, v.IX, n. 53, july, p. 340 – 344, 1862
- _____. Apropos of Political Economy. *The English Woman's Journal*, London, v. 12, n. 68, out. 1863.
- _____. *Essays on Woman's Work*. London: Alexander Strahan, 1866.
- _____. Remarks on the Education of Girls (1856). In: Hamilton, Susan; Schroeder. J. *Nineteenth-Century British Women's Education, 1840-1900*. London, New Your: Routledge, 2007.
- PUJOL, M. A. *Feminism and anti-feminism in early economic thought*. Edward Elgar, 1992.
- QUEEN bees or working bees? *The Saturday Review*. London, p. 575-576, nov. 1859.
- RENDALL, Jane. Friendship and Politics: Barbara Leigh Smith Bodichon (1827–91) and Bessie Rayner Parkes (1829–1925). In: Mendus, S.; Rendall, J. *Sexuality and Subordination*. London and New York: Routledge, p.136-170, 1989.
- _____. Langham Place group (act. 1857-1866). *Oxford Dictionary of National Biography*, 2007.
- ROSCOE, W. Woman. *National Review*, London, p. 333-361, out. 1858.
- ROSTEK, Joanna. English Women's Economic Thought in the 1790's: Domestic Economy, Married Women Economic Dependence, and Access to Professions. In *The Routledge Handbook of the History of Women's Economic Thought*, editors Kirsten Madden and Robert W. Dimand, Routledge, New York, N.Y., 2019
- RUSKIN, J. 1905 [1865], "Of Queen's Gardens". *The Complete Works of John Ruskin* Library Edition, XVIII - *Sesame and Lilies, The Ethics of the Dust, The Crown of Wild Olive: With Letters on Public Affairs 1859-1866*. London, The Library Edition, Accessed September 9, 2019. <https://www.lancaster.ac.uk/depts/ruskinlib/Sesame%20and%20Lilies>
- SCHROEDER, Janice. *Nineteenth-Century British Women's Education, 1840–1900*. London and New York: Routledge, 2007.
- _____. Langham Place Group. *The Encyclopedia of Victorian Literature*, p. 1-3, 2015.
- SIMON-MARTIN, Meritxell. *Barbara Bodichon's 'Bildung': education, feminism and agency in epistolary narratives*. 2012. Tese de Doutorado. University of Winchester, 2012.
- SOCKWELL, William D. Barbara Bodichon and the women of Langham Place. *Women of Value: Feminist Essays on the History of Women in Economics*, p. 103-24, 1995.
- SPECIAL meetings at Glasgow and Edinburgh, with reference to the industrial employment of women. *The English Woman's Journal*, London, v. 6, n. 33, p. 145-159, nov. 1860.
- STATISTICS as the employment of the female population of Great Britain. *The English Woman's Journal*, London, vol. V, n.25, p. 1-6, march, 1860.
- SWIRIDOFF, Christine. *Writing for a cause: The "English Woman's Journal" and women's work, 1858–1864*. Tese. Temple University, 2005.

THE ENGLISH Woman`s Journal. *Saturday Review*. London, v.5, n. 128, p. 369-370, abr. 1858.

THE ‘SATURDAY REVIEW’ and the ‘English Woman’s Journal’ The Reviewer Reviewed. *The English Woman’s Journal*, London, v.1, n. 3, p. 201-204, maio 1858.

WOMEN and Cooperation. *The English Woman’s Journal*, London, vol. XII, n. 72, p. 368-376, fev. 1864.

WORZALA, D. M. *The Langham Place Circle, 1855-1867*. Dissertação (Mestrado em História). University of Wisconsin, 1974.